



Conflitos e Convergências da Geografia

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira
(Organizador)

 **Atena**
Editora
Ano 2019

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira
(Organizador)

Conflitos e Convergências da Geografia

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C748 Conflitos e convergências da geografia [recurso eletrônico] /
Organizador Gustavo Henrique Cepolini Ferreira. – Ponta Grossa
(PR): Atena Editora, 2019. – (Conflitos e Convergências da
Geografia; v. 1)

Formato: PDF
Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7247-320-0
DOI 10.22533/at.ed.200191504

1. Geografia – Pesquisa – Brasil. 2. Geografia humana.
I. Ferreira, Gustavo Henrique Cepolini. II. Série.

CDD 910.7

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Conflitos e Convergências da Geografia - Volume 1. É com imensa satisfação que apresento a Coletânea intitulada – “Conflitos e Convergências da Geografia” (Volume 1), cuja diversidade regional, teórica e metodológica está assegurada nos capítulos que a compõem. Trata-se de uma representação da ordem de quatorze estados de todas as regiões brasileiras, com a contribuição de professores e pesquisadores oriundos de vinte e quatro instituições; sendo vinte e duas públicas (Universidades Estaduais, Universidades Federais, Institutos Federais e Secretarias Estaduais da Educação) e duas instituições particulares (Colégio de Ensino Médio e Centro Universitário). Nesse sentido, ressalta-se a importância da pesquisa científica e os desafios hodiernos para o fomento na área de Geografia em consonância com a formação inicial e continuada de professores da Educação Básica.

A Coletânea está organizada a partir de dois enfoques temáticos: o primeiro versa sobre os dilemas, conflitos, convergências e possibilidades para compreender o campo brasileiro e suas conceituações e contradições vigentes. O segundo retrata alguns panoramas sobre o Ensino de Geografia, a formação de professores, a reforma curricular (leia-se: BNCC – Base Nacional Comum Curricular) em andamento no país e algumas linguagens e práticas advindas do trabalho docente em sala de aula, sobremaneira, na Educação Básica.

Em relação às contribuições inerentes a Geografia Agrária salienta-se que as mesmas estão dispostas a partir das pesquisas sobre o Centro-Sul, Nordeste e Amazônia. Todavia, algumas contribuições extrapolam esses recortes como exemplo, o debate teórico-metodológico sobre campesinato x agricultura familiar, pluriatividade, expansão da mineração, produção orgânica, assentamentos rurais, desenvolvimento rural, conflitos por água no campo, questão indígena e Educação do Campo.

Esperamos que as análises publicadas nessa Coletânea da Atena Editora propiciem uma leitura crítica e prazerosa, assim como despertem novos e frutíferos debates geográficos para desvendar os caminhos e descaminhos da realidade brasileira, latino-americano e mundial.

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira
Montes Claros-MG
Outono de 2019

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ESTADO CAPITALISTA E CAMPESINATO	
Alysson André Oliveira Cabral Ivan Targino Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.2001915041	
CAPÍTULO 2	10
AGRICULTURA FAMILIAR COMO ATIVIDADE PRODUTIVA	
Fabrícia Carlos da Conceição Ana Ivânia Alves Fonseca	
DOI 10.22533/at.ed.2001915042	
CAPÍTULO 3	23
O DESENVOLVIMENTO DA PLURIATIVIDADE E DAS ATIVIDADES NÃO AGRÍCOLAS: ESTRATÉGIAS DE REPRODUÇÃO SOCIAL DAS FAMÍLIAS NOS BAIROS RURAIS DO POSTE E CAXAMBÚ NO MUNICÍPIO DE JUNDIAÍ -SP	
Tamires Regina Rocha Rosangela Aparecida de Medeiros Hespanhol Alan da Silva Vinhaes	
DOI 10.22533/at.ed.2001915043	
CAPÍTULO 4	40
ANÁLISE DAS MUDANÇAS NA AGROPECUÁRIA E DAS RURALIDADES EM DISTRITOS MUNICIPAIS: OS EXEMPLOS DE JAMAICA E JACIPORÃ (DRACENA/ SP)	
Maryna Vieira Martins Antunes Rosangela Ap. de Medeiros Hespanhol	
DOI 10.22533/at.ed.2001915044	
CAPÍTULO 5	57
A IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO DE DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL - MICROBACIAS II – ACESSO AO MERCADO - NOS MUNICÍPIOS DE DRACENA E PRESIDENTE VENCESLAU - SP	
Alan da Silva Vinhaes Antonio Nivaldo Hespanhol Tamires Regina Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.2001915045	
CAPÍTULO 6	73
AS DINÂMICAS MIGRATÓRIAS SOB INFLUÊNCIA DA MULTIFUNCIONALIZAÇÃO NO ESPAÇO RURAL: O ESTUDO DA MICROBACIA DO PITO ACESO EM BOM JARDIM-RJ	
Renato Paiva Rega Ricardo Maia de Almeida Junior	
DOI 10.22533/at.ed.2001915046	

CAPÍTULO 7	83
MINERAÇÃO: ASFIXIA DA AGRICULTURA FAMILIAR E CONFLITOS TERRITORIAIS NA REGIÃO CARBONÍFERA DE SANTA CATARINA	
Maria José Andrade da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2001915047	
CAPÍTULO 8	95
VITIVINICULTURA ORGÂNICA NO RIO GRANDE DO SUL: A EXPANSÃO DA PRODUÇÃO SUSTENTÁVEL DE UVA, VINHO E SUCO EM COTIPORÃ E DOM PEDRITO	
Vinício Luís Pierozan Vanessa Manfio Rosa Maria Vieira Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.2001915048	
CAPÍTULO 9	109
AS DIFICULDADES E AS POSSIBILIDADES DE PROMOVER NOVAS TERRITORIALIDADES EM TERRITÓRIOS TRADICIONAIS: ANÁLISE DO ASSENTAMENTO NOVO ALEGRETE – RS	
Suelen de Leal Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.2001915049	
CAPÍTULO 10	124
A QUESTÃO INDÍGENA EM AMAMBAI-MS: UMA ANÁLISE DO CONTEXTO HISTÓRICO E DA ATUAL RELAÇÃO DOS GUARANI-KAIOWÁ COM O COMÉRCIO LOCAL	
Leonardo Calixto Maruchi	
DOI 10.22533/at.ed.20019150410	
CAPÍTULO 11	134
ANÁLISE DO PISF (PROJETO DE INTEGRAÇÃO DO RIO SÃO FRANCISCO) À LUZ DA GEOGRAFIA POLÍTICA APLICADA AOS RECURSOS HÍDRICOS	
Victoria Nenow Barreto	
DOI 10.22533/at.ed.20019150411	
CAPÍTULO 12	142
GEOGRAFIA DA DISPERSÃO ECONÔMICA DO PRONAF NO MARANHÃO	
Vanderson Viana Rodrigues Ademir Terra	
DOI 10.22533/at.ed.20019150412	
CAPÍTULO 13	153
ESPACIALIDADE DA SOJA: ANÁLISE SOCIOAMBIENTAL DA PRODUÇÃO EM VILHENA/RO	
Tiago Roberto Silva Santos Helen Soares Vitória Eduardo Helison Lucas Pinheiro	
DOI 10.22533/at.ed.20019150413	

CAPÍTULO 14	165
ANÁLISE DOS CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS DA ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DA FAZENDINHA - AMAPÁ	
Alexandre Pinheiro de Freitas Daguinete Maria Chaves Brito	
DOI 10.22533/at.ed.20019150414	
CAPÍTULO 15	180
A A B O R D A G E M T E R R I T O R I A L N A S P O L Í T I C A S P Ú B L I C A S D E D E S E N V O L V I M E N T O R U R A L N O B R A S I L E E M P O R T U G A L	
Paulo Roberto Rosa Marcos Pereira Campos	
DOI 10.22533/at.ed.20019150415	
CAPÍTULO 16	190
A D I N Â M I C A N E O E X T R A T I V I S T A D A V A L E S . A . E N T R E O D E S E N V O L V I M E N T O S U S T E N T Á V E L E A A C U M U L A Ç Ã O P O R E S P O L I A Ç Ã O	
Guilherme Magon Whitacker	
DOI 10.22533/at.ed.20019150416	
CAPÍTULO 17	206
O D E B A T E D O S / D A S T E R R I T Ó R I O S / T E R R I T O R I A L I D A D E S N A L I C E N C I A T U R A E M E D U C A Ç Ã O D O C A M P O : R E F L E X Õ E S S O B R E A D I S C I P L I N A D E “ G E O - H I S T Ó R I A E T E R R I T O R I A L I D A D E S D E M S ”	
Rodrigo Simão Camacho	
DOI 10.22533/at.ed.20019150417	
CAPÍTULO 18	219
O C A R Á T E R P O L Í T I C O D O D I S C U R S O S O B R E O E N S I N O : D E S A F I O S P A R A A F O R M A Ç Ã O C R Í T I C A E I N T E G R A L N O E N S I N O M É D I O	
Carlos Marcelo Maciel Gomes Márcio dos Reis Santos	
DOI 10.22533/at.ed.20019150418	
CAPÍTULO 19	228
A S E S P A C I A L I D A D E S D A R E F O R M A D O E N S I N O M É D I O E M A R A G U A Í N A - T O (2 0 1 7 - 2 0 1 8) : L I M I T E S E R E C U O S	
Antonio Jadson Rocha Sousa Vanda Balduino dos Santos Antônia Alves dos Santos Agenor Neto Cabral da Cruz Dirceu Ferraz de Oliveira Júnior Fátima Maria de Lima	
DOI 10.22533/at.ed.20019150419	

CAPÍTULO 20	234
A EXCLUSÃO DO DEBATE DE GÊNERO(S) DO PNE (2014) À BNCC (2017) E SEUS REFLEXOS NO PME/ARAGUAÍNA-TO (2015)	
Osmar Oliveira de Moura Fátima Maria de Lima Luciane Cardoso do Nascimento Rodrigues Patrícia Fonseca Dias Miranda	
DOI 10.22533/at.ed.20019150420	
CAPÍTULO 21	241
O CINEMA DE JORGE FURTADO E OS DEVIRES DE UMA SALA DE AULA EM TRANSFORMAÇÃO: A AULA DE GEOGRAFIA COMO COMUNIDADE DE CINEMA	
Gilberto de Carvalho Soares	
DOI 10.22533/at.ed.20019150421	
CAPÍTULO 22	249
INCURSÃO NO PROGRAMA TELECENTROS.BR: UMA ANÁLISE DA POTENCIALIDADE DA TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO EM CONTEXTO FORMATIVO	
Jean da Silva Santos Ana Margarete Gomes da Silva Lorena Silva de Oliveira Souza	
DOI 10.22533/at.ed.20019150422	
CAPÍTULO 23	262
FORMAÇÃO DE EDUCADORES EM GEOGRAFIA: POLÍTICAS PÚBLICAS E A CONSTRUÇÃO DAS PALAVRASMUNDO	
Marcos Aurelio Zanlorenzi Neusa Maria Tauscheck	
DOI 10.22533/at.ed.20019150423	
CAPÍTULO 24	272
ENSINO PÚBLICO E PRIVADO:AVANÇOS E CONTRADIÇÕES	
Marbio Pereira de Almeida Maikon Geovane Oliveira Vila Nova Gilvânia Ferreira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.20019150424	
SOBRE O ORGANIZADOR	280

AGRICULTURA FAMILIAR COMO ATIVIDADE PRODUTIVA

Fabrcia Carlos da Conceição

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia PPGeo/UNIMONTES – Montes Claros-MG

Ana Ivânia Alves Fonseca

Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Geografia PPGeo/UNIMONTES Montes Claros - MG

RESUMO: A agricultura familiar se caracteriza pela gestão da propriedade compartilhada entre os membros familiares, os agricultores familiares têm uma relação de afinidade com a terra, o seu lugar tanto de trabalho quanto de moradia, sendo a produção agropecuária sua principal fonte de renda e uma diversidade de produção.

O presente trabalho discute o conceito da agricultura, sua sistematização no Brasil, a relação da agricultura familiar em Januária e descreve a dinamização da agricultura familiar na Comunidade de Barra do Tejuco, sendo o objetivo desta pesquisa analisar a agricultura familiar nesta comunidade que se localiza a distância de 26 km da cidade de Januária-MG, as metodologias utilizadas foram revisão bibliográfica e pesquisa de campo *in loco*, para se entender como a agricultura familiar estrutura-se na comunidade. Conclui-se que a maioria das famílias desta comunidade vive em pequenas propriedades, a terra é o seu principal

meio de sustento, demonstram satisfação em viverem ali, têm esperanças de melhora em relação às questões climáticas e econômicas.

PALAVRAS-CHAVE: Agricultura Familiar; Comunidade; Barra do Tejuco.

ABSTRACT: Family agriculture is characterized by the management of shared ownership among family members, family farmers have a relation of affinity with the land, their place of work and housing, and agricultural production is their main source of income and a diversity of production. This paper discusses the concept of agriculture, its systematization in Brazil, the relation of family agriculture in Januária and describes the dynamization of family agriculture in the community of Barra de Tejuco, the objective of this research is to analyze family farming in this community that is located distance of 26 km from the city of Januária-MG, the methodologies used were bibliographic review and field research *in loco*, to understand how family farming is structured in the community. It is concluded that the majority of the families of this community live on small properties, the land is their main means of support, they show satisfaction in living there, they hope for improvement in relation to climatic and economic issues. Keywords: Family Agriculture; Community; Barra do Tejuco.

1 | INTRODUÇÃO

O conceito de agricultura familiar tem sua caracterização com a relação entre trabalho e a forma de gestão, o processo produtivo são conduzidos pelos proprietários, a diversificação produtiva, a duração dos recursos e a qualidade de vida.

A agricultura familiar se diferencia da agricultura patronal ou do agronegócio, devido toda a atividade e gestão produtiva ser feitas pelo próprio núcleo familiar, além de ser uma importante fonte de renda de tal núcleo. Observa-se também uma forma maior de zelo, dedicação, até mesmo porque o local de trabalho dos agricultores familiares é o mesmo onde residem. O conceito de agricultura familiar já vem sendo discutido há algumas décadas. Graziano da Silva (1978) descreve a identificação dos componentes da pequena produção agrícola familiar:

a) utilização do trabalho familiar, onde se configura como unidade de produção; b) a posse dos instrumentos de trabalho ou parte deles; c) existência de fatores excedentes (terra, força de trabalho, meios de trabalho) que permitam uma produção de excedentes, destinados ao mercado; e d) não é fundamental a propriedade, mas sim a posse da terra, que mediatiza a produção, como mercadoria. Dessa forma, não só o proprietário, mas também o parceiro, o arrendatário e o posseiro, podem se configurar como pequena produção agrícola familiar. (GRAZIANO DA SILVA, 1978, p. 3).

Desde os anos 1990 o governo começou a criar mecanismos governamentais e políticas públicas nacionais com o objetivo de apoiar e dar suporte técnico e financeiro, através de financiamentos. A Lei 11.326 de 24 de julho de 2006 pontua as diretrizes para formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e os critérios para caracterização desse público, tendo como pressupostos para tal que o agricultor não possua, a qualquer título, área superior do que quatro módulos fiscais; use predominantemente mão de obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento; tenha renda familiar predominantemente originada de atividades econômicas relacionadas ao próprio estabelecimento ou empreendimento; coordene seu estabelecimento ou empreendimento com sua família.

Art. 3º Para os efeitos desta Lei considera-se agricultor familiar e empreendedor familiar rural aquele que pratica atividades no meio rural, atendendo, simultaneamente, aos seguintes requisitos: I - não detenha, a qualquer título, área maior do que 4 (quatro) módulos fiscais; II - utilize predominantemente mão de obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento; III - tenha renda familiar predominantemente originada de atividades econômicas vinculadas ao próprio estabelecimento ou empreendimento; IV - dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família. (Lei 11.326 de 24 de julho de 2006).

Também estão incluídos, de acordo a lei 11.326, tais categorias com as seguintes referências; silvicultores que cultivem florestas nativas ou exóticas e que promovam o manejo sustentável aqueles ambientes, aquicultores que explorem reservatórios hídricos com superfície total de até 2 hectares ou ocupem até 500 metros cúbicos de

água, quando a exploração se efetivar em tanques-rede; extrativistas que exerçam essa atividade artesanalmente no meio rural, excluídos os garimpeiros e faiscaidores; além de pescadores que exerçam a atividade pesqueira artesanalmente.

A agricultura familiar não é definida pelo tamanho da propriedade, mas pela extensão máxima do terreno que a família pode explorar, com base no seu trabalho desenvolvido com a tecnologia disponível. A dinâmica que comanda as relações sociais dos agricultores familiares possui modelos diferentes. (FONSECA, 2012, p. 58).

Agricultura familiar está em constante debate, onde sua importância e relevância são evidentes, o rural é imprescindível para que o urbano aconteça de forma plena, pois a sustentabilidade alimentar da cidade depende do campo.

Segundo o IBGE (2014), Januária possui uma população com um pouco mais de 68 mil habitantes, com 33 mil moradores na área rural. Clima tropical, com transição para o semiárido, com chuvas irregulares, escassas e concentradas no verão, INMET (Instituto Nacional de Meteorologia, 2014). Devido à escassez de chuva, a consequência disso é a falta de água no solo de Januária, a sua vegetação é xeromorfa, isto é com formas adaptadas a seca, o cerrado, matas secas, caatinga e veredas. A cidade possui um relevo plano, com pequenas irregularidades, com rochas sedimentares e arenitos. Pereira (2004) descreve “Januária como um município localizado na margem esquerda do rio São Francisco, na região média do rio, que vai de Pirapora a Santana do Sobradinho, compreendendo um trecho de 1.328 km. O município é banhado ainda pelos rios Pardo, Pandeiros e Carinhanha, fazendo limite com os municípios de Formoso, Chapada Gaúcha, Pedras de Maria da Cruz, Itacarambi, Bonito de Minas e Cônego Marinho”.

O seu desenvolvimento econômico se baseia na prestação de serviço e na agricultura principalmente pecuária e para o SINTRAF (Sindicato da Agricultura Familiar) a agricultura familiar tem grande peso na vida dos januarenses, com míni e pequenos produtores rurais, o desenvolvimento da agricultura familiar é importante, pois a economia rural gira basicamente em torno da agricultura e da prestação de serviço, não tendo indústrias ou outras fontes de renda.

O objetivo deste trabalho é analisar a dinâmica da agricultura familiar na comunidade de Barra do Tejuco, distrito do município de Januária-MG, tendo como metodologias utilizadas visita in loco e revisão bibliográfica.

2 | A AGRICULTURA FAMILIAR NO BRASIL

Pesquisas afirmam que setenta por cento de todos os produtos, que vão à mesa dos brasileiros, ou seja, que as pessoas consomem no seu dia a dia, vem da agricultura familiar, além de produzir alimentos, carregam também à cultura, valores que são muito importantes, e principalmente desenvolvimento local, onde tem agricultura familiar,

tem desenvolvimento, ela desenvolve e ao mesmo tempo gera o desenvolvimento, pois a compra e venda é no local, ela tem singularidades, econômica, social e cultural.

Por ser mais um espaço homogêneo, o trabalho familiar é profundamente diferenciado do ponto de vista econômico, social e cultural, já que os agricultores familiares não vivem isolados, mas evoluem seguindo trajetórias diferentes; isto é, alguns passam pelo processo de acumulação de capital, enquanto outros passam pela descapitalização, sendo que essas relações estão associadas à dinâmica das relações sociais nas quais eles estão inseridos. (FONSECA, 2012, p. 56-57).

O desenvolvimento local para Souza (2006) é um processo em que o social se integra ao econômico, para ele o desenvolvimento se propõe a ir, além de desenvolver os aspectos produtivos, potencializar as dimensões sociais, culturais, ambientais e político-institucionais que constroem o bem-estar da sociedade.

O papel da agricultura familiar na economia do Brasil garante a segurança alimentar, gera trabalho, renda, há um melhor aproveitamento da terra, cria condições para que as pessoas permaneçam no campo, preservando o vínculo, diminuindo os inchaços urbanos, também tem o papel de produzir alimentos saudáveis, geralmente à agricultura familiar garante o consumo interno do país, enquanto o agronegócio é um modelo voltado para a exportação.

A modernização da agricultura aconteceu em um complexo processo de transformações no espaço rural, isso se deu a partir da década de 1950, com a Revolução Verde.

“Modernização da agricultura” é um complexo processo de transformações nos espaços agrícola e rural do mundo a partir da década de 50, no Brasil especialmente (ou mais visivelmente) a partir de meados da década de 60. Corresponhia, efetivamente, a integração da agricultura ao processo de acumulação de capital. Isto ocorreu com a efetiva participação do Estado que através de suas políticas de crédito subsidiado, pesquisa, tecnologia, assistência técnica e extensão rural, viabilizou as maiores propriedades agrícolas, principalmente aquelas localizadas em terras melhores, mais férteis. Foi o tripé pesquisa agrícola, extensão rural e crédito rural subsidiado, portanto, que viabilizou o padrão tecnológico proposto com a “modernização da agricultura”. (ALMEIDA, 1997, p. 01).

A agricultura no Brasil tem duas vertentes principais os grandes produtores de sucesso das culturas de *commodities* destinadas ao mercado exportador e os pequenos produtores com precárias condições de acesso a terra, crédito e tecnologias de produção, chamados agricultores familiares.

Em algumas regiões do país, como o Nordeste e o Norte a agricultura familiar ainda supera o agronegócio na produção de commodities como café, arroz e milho, mas apenas um quarto das terras produtivas está com a agricultura familiar, são pequenas hortas, leite, carne de porco, entre outros que empregam 77 por cento da mão de obra no campo, o restante está nas mãos do agronegócio com grandes produções, voltadas para a exportação.

A agricultura familiar tem se apoiado com o crédito PRONAF – Programa Nacional

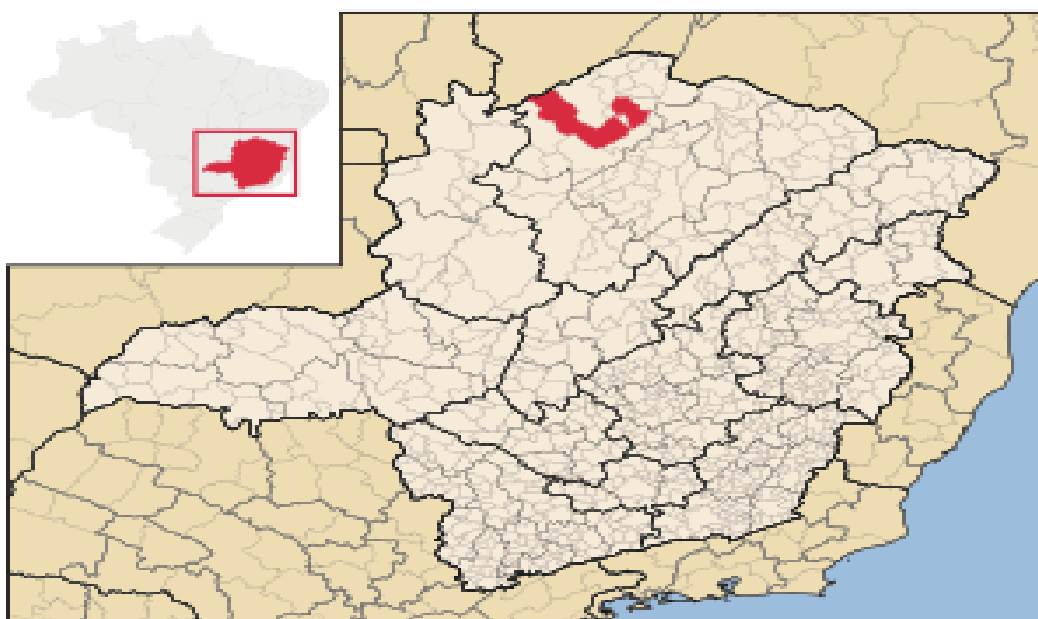
de Fortalecimento da Agricultura Familiar, assistência para aplicar novas técnicas e compra da produção na época da safra, assim o PRONAF fortalece a importância da agricultura familiar e a valorização do campo.

As transformações recentes do mundo rural brasileiro são marcadas por dois fatos importantes. Um deles é o reconhecimento, pela primeira vez na história, da agricultura familiar como um ator social importante, sendo o Programa de Apoio a Agricultura familiar (PRONAF) uma expressão dessa valorização. O outro fato está relacionado à demanda pela terra e aos assentamentos de reforma agrária. Isso se traduz na revalorização do rural como lugar para se trabalhar e para se viver. (ELESBÃO, 2007 apud WANDERLEY, 2000, p. 61).

Outra forma de incentivo governamental para a agricultura familiar em nível nacional está evidenciada através da aquisição de produtos para o (PNAE) - Programa Nacional de Alimentação Escolar. Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009 ela determina que no mínimo 30% do valor repassado aos estados, municípios e Distrito Federal pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) para o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) deve ser utilizado na aquisição de gêneros alimentícios diretamente da agricultura familiar e do empreendedor familiar rural ou de suas organizações, dando prioridade aos assentamentos da reforma agrária, as comunidades tradicionais indígenas e as comunidades quilombolas.

2.1 A Agricultura Familiar No Município De Januária/Mg

Januária possui mais de 27 mil famílias que vivem da agricultura familiar, 274 comunidades rurais com 226 associações comunitárias rurais. (EMATER, 2014).



Mapa 01. Mapa de Minas Gerais - Localização de Januária/MG

Fonte: IBGE, 2017

A agricultura familiar no município é bem parecida com o modelo de comunidades tradicionais, pois produz de forma sustentável, com a preservação da natureza, cria uma relação afetuosa com a terra, que para os agricultores é um bem e não apenas um negócio. Diegues (2001) descreve as características específicas das populações tradicionais que também são encontradas no modelo de agricultura familiar das comunidades de Januária.

a) dependência com a natureza, seus ciclos naturais e os recursos naturais renováveis a partir dos quais se constrói um modo de vida; b) conhecimento da natureza e de seus ciclos que se reflete na elaboração das estratégias de uso e de manejo dos recursos naturais. Esse conhecimento é transmitido de geração em geração por via oral; c) noção de território ou espaço onde o grupo social se reproduz econômica e socialmente; d) moradia e ocupação deste território por várias gerações; e) importância das atividades de subsistência, ainda que a produção de mercadorias possa estar mais ou menos desenvolvida, o que implica uma relação com o mercado; f) reduzida acumulação capital; g) importância dada à unidade familiar, doméstica e comunal e às relações de parentesco ou compadrio para o exercício das atividades econômicas, sociais e culturais; h) importância das simbologias, mitos e rituais associados à caça, pesca e atividades extrativistas; i) a tecnologia utilizada é relativamente simples, seu impacto é limitado sobre o meio ambiente. Há reduzida divisão técnica e social do trabalho, sobressaindo o artesanal, cujo produtor e sua família dominam o processo de trabalho até o produto final (DIEGUES, 2001, p. 88).

D' Angelis Filho (2005) faz uma comparação, das regiões de Minas Gerais, para ele o Norte é a região de maior participação na ocupação quando se trata de agricultura familiar. Nos cerrados, a ocupação das paisagens conhecidas como Gerais se deu por migrantes, ora por europeus, ora por indígenas e africanos em quilombos, todos conhecidos como Geraizeiros.

A agricultura familiar possui um peso muito grande no meio rural do Norte de Minas, com proporções maiores que a do estado mineiro, tem destaque pela importância do que produz, mas passa por problemas por causa da pequena quantidade de terras disponíveis. Sobre as unidades de produção da agricultura familiar em Januária, Sampaio (2013), afirma que:

As atividades predominantes são lavoura e pecuária de corte ou de leite, e criação de animais de pequeno porte, tais como aves e suínos, em pequena quantidade. Dentre os cultivos predominam, o milho, o feijão, a cana, a mandioca e hortaliças. O plantio de arroz é esporádico, devido à escassez de água, uma vez que não existem terras apropriadas e nem irrigação para esse cultivo. (SAMPAIO, 2013, p. 145).

O produtor familiar do município de Januária se arrisca fazendo muitos gastos, investindo tanto na produção, como no seu escoamento, pois os meios de transporte utilizados têm altos custos, devido à distância e a situação das estradas que são precárias, fazendo com que aumentam os gastos, gerando assim, mais riscos para o produtor.

A agricultura no município, precisa se expandir tanto em quantidade como em

qualidade, além disso, os agricultores precisam de organização com os meios de transportes, (SAMPAIO, 2013, p. 45) afirma que “uma das dificuldades é o transporte, e devido a pouca produção, os produtos são comercializados na própria propriedade e nos lugares mais próximos, como as feiras do município de Januária”.

Neves e Castro (2010) destacam que a preocupação mundial é crescente com o conceito de sustentabilidade, na agricultura familiar é mais valorizada na visão deles, pois fortalece as opções ambientais e socialmente corretas, além de ser economicamente viáveis e no âmbito institucional asseguradas, isto porque a sociedade faz pressão na busca por modelos de produção sustentáveis.

O mais interessante de tudo é que não se abordarão apenas produtos, mas sistemas de produção ambientalmente corretos. Tratar-se-á de outro fenômeno ocorrido nos últimos dez anos que foi a transição do foco apenas no meio ambiente para um foco mais abrangente, mais subjetivo e mais complicado, do qual o meio ambiente faz parte, chamado sustentabilidade. Para muitos consumidores não basta apenas o produto ser “verde”. O modo de produção deve ser sustentável. (NEVES; CASTRO, 2010, p. 3).

Assim como a maioria dos agricultores do Brasil, sofrem com os problemas climáticos, que o mundo passa no momento, principalmente a falta de água, não é diferente com os agricultores do município de Januária, para poder dar seguimento nas suas propriedades, grande parte destes pequenos agricultores, tem como recurso principal os poços artesianos, como é o caso da comunidade pesquisada, Barra do Tejuco.

2.2 A Agricultura Familiar Na Comunidade Barra Do Tejuco

Barra do Tejuco é uma comunidade que conta com 35 famílias, que moram e vivem de suas pequenas produções, são produtos que servem para a sua subsistência e os excedentes são comercializados, características típicas da agricultura familiar.

As principais produções dessas famílias são: melancia, abóbora, banana, laranja, limão, melão, frango caipira, pequi, feijão, mel de abelha e também o gado de corte e leite, além da mandioca, milho e hortaliças.

Os dados primários para a escrita dessa pesquisa foram feitas com *visita in loco*, entrevistas e observações com os moradores desta comunidade. O que se percebeu com a visita e conversa com os produtores é que eles têm características de pertencimento da terra, pois muitos deles quando perguntados há quanto tempo estão ali, a sua grande maioria responde “deste que nasci”. Eles têm uma afetividade grande com o lugar, onde moram e trabalham, Santos (2005) descreve: “Lugar constitui a dimensão da existência que se manifesta através de um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas, instituições, cooperação e conflito são à base da vida em comum”.

A comunidade é formada em sua maioria por pequenas propriedades, as famílias produzem há muitos anos são terras recebidas de heranças, passadas de pai para

filho, que perpassam décadas.

A terra é um fruto das relações humanas e destas com a natureza, construído por relações sociais, garantindo a construção de uma rede de significados e sentidos produzidos pela história e pela cultura de uma dada sociedade, formando assim identidade. Uma vez que é o lugar da vida, é nesse espaço que o homem se reconhece. (MENDES, 2008, p. 03).



Foto 01 - Criação de Bovinos para corte e leite

Fonte: CONCEIÇÃO, 2017



Figura 02 - Plantação de feijão

Fonte: CONCEIÇÃO, 2017

As famílias desta comunidade são constituídas em média de 05 pessoas, as atividades são desenvolvidas em tempo integral nas propriedades, boa parte dos produtores tem uma segunda renda, possuem aposentadoria de 01 salário mínimo, já os filhos desenvolvem atividades de forma parcial, pois os filhos que residem na

comunidade são estudantes.

Os agricultores mais velhos já se preocupam da relação dos filhos com o futuro das propriedades, uma boa parte entende que os filhos darão continuidade ao trabalho, outra parte acredita que os filhos não levam jeito para viver da terra, para futuramente tocarem com as famílias deles aquelas pequenas propriedades, e muitos deles já deixaram seus pais e foram morar e trabalhar na cidade, o que representa uma ameaça para o futuro da comunidade.

Quando indagados sobre os estudos e se eles querem morar sempre ali, os filhos dos proprietários em sua maioria respondem que querem dar continuidade ao trabalho do pai e da mãe, mas querem outros meios, não querem viver só das plantações, pretendem cursar universidades e ter um nível de instrução maior que a dos pais, além de uma profissão.

Tenho 14 anos, nunca saí da comunidade, estudo na escola aqui próxima, é muito boa, ajudo mãe e pai na produção, não me vejo fazendo outra coisa no futuro, pretendo continuar plantando e colhendo. (Filha do Agricultor familiar A, Barra do Tejuco, 14 de julho de 2017).

Pretendo mudar de vida, tenho 17 anos e estou terminando o ensino médio, quero ir morar na cidade, cursar universidade, pois meu sonho é ser advogado, mas por enquanto ajudo minha família com as plantações. (Filho do Agricultor B, Barra do Tejuco, 14 de julho de 2017).

Gosto muito da forma que vivo, eu estudo pela manhã, na parte da tarde ajudo meu pai com nossas plantações, tenho 15 anos, e eu pretendo dar continuidade ao trabalho dos meus pais aqui mesmo na nossa comunidade. (Filho do Agricultor C, Barra do Tejuco, 14 de julho de 2017).

Eu sou novo, mas sempre quis conhecer outros lugares, como vivo aqui desde que nasci, sonho um dia ir morar na cidade, quero estudar para ser Engenheiro Agrônomo e contribuir com o trabalho dos meus pais. (Filho do Agricultor D, Barra do Tejuco, 14 de julho de 2017).

Os agricultores familiares de Barra do Tejuco, como a maioria das pessoas que produzem no Brasil enfrentam a falta de água nas suas propriedades, para fornecer água para suas produções, eles contam com os poços artesianos, e sofrem com a estiagem que a cada ano aumenta e interfere muito nas plantações, principalmente as produções de mandioca, feijão e milho, é o que relatam em conversa sobre o que melhorar na comunidade.

O que nos falta aqui é chuva, a água é essencial para produção, se tivéssemos mais apoio com os poços artesianos, pois é a alternativa que temos para continuarmos aqui, o nosso trabalho seria mais valorizado financeiramente. (Agricultor A, Barra do Tejuco, 14 de julho de 2017).

A estrada para escoar a produção é ruim, pois se chove é lama e se temos a estiagem, como acontece na maior parte do ano é poeira que não acaba mais. (Agricultor B, Barra do Tejuco, 14 de julho de 2017).

Precisamos de apoio dos nossos governos, pois o lugar aqui é muito bom, somos trabalhadores, e gostamos muito de plantar e colher, passamos a vida toda fazendo este trabalho. (Agricultor C, Barra do Tejuco, 14 de julho de 2017).

Sou muito esperançoso, acredito em dias melhores, chuva, estrada boa e melhores condições de trabalho para o povo da nossa comunidade. (Agricultor D, Barra do

Tejuco, 14 de julho de 2017).

Quando perguntados sobre a vida nas propriedades, seus desafios, muitos deles responderam que são felizes e não mudariam dali nunca, ou seja, não trocariam sua pequena propriedade por nada. Esse contexto pode ser percebido na fala de alguns deles:

Eu sou muito feliz da vida, falo sempre que está tudo bem, assim as coisas melhoram, na verdade o que falta aqui é só chuva. (Agricultor A, Barra do Tejuco, 14 de julho de 2017).

Estou trabalhando, produzindo, então está muito bom, Deus vai abençoar que vai dar tudo certo para nós, aqui na nossa comunidade. (Agricultor B, Barra do Tejuco, 14 de julho de 2017).

Bem graças a Deus, não tenho dívidas, tenho muita saúde, produzo o que me alimenta e ainda ganho um dinheirinho com a minha produção, meu trabalho. (Agricultor C, Barra do Tejuco, 14 de julho de 2017).

Aqui é muito bom, faço o que mais gosto e sei fazer que é plantar e colher, não sei como seria se tivesse que deixar aqui e ir para a cidade, pois vivo aqui desde que nasci, só tenho que agradecer a Deus. (Agricultor D, Barra do Tejuco, 14 de julho de 2017).

Percebe-se muito otimismo na fala deles, apesar das adversidades climáticas e econômicas vividas, eles têm esperanças de melhoras e contam com o PRONAF (Programa Nacional da Agricultura Familiar), que é um incentivo onde tomam o dinheiro emprestado para investir em suas propriedades e tem um tempo de carência para começarem a pagar, em entrevista boa parte, faz uso desse programa do governo federal.

As políticas públicas ainda são necessárias à manutenção da dinâmica de produção agrícola familiar. Através delas se torna possível o alcance do desenvolvimento rural sustentável via acesso aos serviços de apoio à produção e capacitação para a gestão econômica de seus processos de desenvolvimento. O PRONAF é a primeira política pública diferenciada em favor dos agricultores familiares brasileiros, e está conseguindo alterar o cenário do crédito rural no Brasil, que não era destinado a esse segmento dos produtores rurais. (OLIVEIRA, 2012, p. 8).

Os produtores na sua maioria não têm como escoar a sua produção, pois uma das dificuldades dos entrevistados é o transporte, assim, eles comercializam nas próprias propriedades, poucos levam para a feira da cidade, em Januária aos sábados e outros têm seus próprios pontos fixos de comércio, que são vendas certas, o que compensa melhor financeiramente.

Percebe-se que as maiores dificuldades dos produtores familiares pesquisados são vivenciar os mesmos problemas que em geral outros produtores de outras regiões passam também, que são: falta de maquinário agrícola, transporte para escoar a produção e os problemas ambientais, como aquecimento global, e principalmente a falta de chuva. Mas apesar dos problemas que circundam o campo, em especial a falta de chuva, os agricultores de Barra do Tejuco, estão sempre plantando, colhendo

e comercializando os seus produtos, como relatam abaixo:

A minha produção é feita pensando no sustento da família, primeiro, mas sempre sobra e a venda é certa, graças a Deus. (Agricultor A, Barra do Tejuco, 14 de julho de 2017).

Vendo para a escola, ela sempre compra. (Agricultor B, Barra do Tejuco, 14 de julho de 2017).

Estou na feira de Januária, todo sábado, e a saída é muito boa. (Agricultor C, Barra do Tejuco, 14 de julho de 2017).

A minha galinha caipira é muito solicitada. Toda semana eu sou procurada na feira. (Agricultor D, Barra do Tejuco, 14 de julho de 2017).

Como a falta de chuva é constante na região, a produção sobrevive dos poços artesianos. Foram indagados também sobre como é produzir no campo, ou seja, viver da agricultura nos dias atuais.

É muito triste, pois falta água, a falta de chuva é castigante, mas graças a Deus, temos o poço artesiano. (Agricultor A, Barra do Tejuco, 14 de julho de 2017).

Eu gosto muito, sou feliz, vivo do que gosto, tenho meus porcos, crio minhas galinhas, minhas vacas, plantações. (Agricultor B, Barra do Tejuco, 14 de julho de 2017).

O governo está ajudando recebo bolsa escola, bolsa família, isso me ajuda com minhas plantações assim vou levando. (Agricultor C, Barra do Tejuco, 14 de julho de 2017).

Vivo do que produzo, tenho 57 anos, sempre foi assim e graças a Deus, vendo para escola, minha cebolinha verde, alface, couve, feijão, pimentão, melancia e aos sábados estou na Feira do mercado municipal. (Agricultor D, Barra do Tejuco, 14 de julho de 2017).

Número de Famílias que vivem da agricultura familiar	Principais produções	Locais de comercialização dos produtos
35 famílias	<ul style="list-style-type: none"> - melancia - abóbora - banana - laranja - limão - melão - frango caipira - pequi - manga - feijão - mel de abelha - gado de corte e leite - mandioca - milho - hortaliças 	<ul style="list-style-type: none"> - Escolas Municipais e Estaduais - Mercado Municipal aos sábados - Ambulantes - Pontos comerciais próprios

Tabela 01. Principais produções e locais de comercialização

Fonte: Agricultores Familiares de Barra do Tejuco

Organização: CONCEIÇÃO, 2017.

As estratégias de sobrevivência destes produtores familiares e a diversificação dos modos de vida que eles estão inseridos são usados para definir o desenvolvimento rural local, garantindo a melhoria das condições de vida da comunidade que se percebe

a ampliação das suas possibilidades que fomentam a reprodução social e econômica. As oportunidades são criadas e encontram-se na própria comunidade onde as famílias vivem.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A agricultura familiar tem relevância para a comunidade estudada, como também é de extrema importância para entender um pouco sobre a segurança alimentar e minimizar os problemas da fome no Brasil e no mundo, e é uma forma de agricultura menos severa para agredir o meio ambiente, pois em geral ela trabalha de forma sustentável, e com os incentivos governamentais, que são necessários e decisivos, como mecanismos de apoio técnico, tecnológico e financeiro através de políticas públicas, assim deu-se mais destaque para essa atividade que está em significativa expansão. As políticas públicas propiciaram aos agricultores familiares, uma maior abertura para os mercados consumidores que já foram mais restritas.

É notório em conversas realizadas com os agricultores familiares de Barra do Tejuco, que devido às questões climáticas, principalmente a falta de chuva, eles não têm condições financeiras favoráveis para investirem em culturas mais rentáveis, por isso só investem ou plantam, culturas pouco rentáveis, pois sabem que o mercado é garantido, como é o caso da mandioca, feijão e milho, e também culturas de épocas como o pequi e a manga.

As peculiaridades da agricultura familiar desta comunidade os levam em uma situação vulnerável ao mercado e muitas vezes deixam sua população, os trabalhadores rurais e suas famílias, vivendo em pobreza extrema, e isso facilita o êxodo rural e a formação dos bolsões de pobreza nos grandes centros, porém deixar sua terra é um refúgio longínquo para os povos mais velhos, diferente do que pensa os mais jovens.

Ainda há muito a se fazer para o desenvolvimento rural local, pois é necessário pensar em ações que façam com que a comunidade, possa se unir ao município, na perspectiva de melhores estradas, transporte para escoar a produção dos agricultores, espaços e equipamentos, centros culturais, esportivos, escolas, hospitais, feiras, mercados, onde os agricultores familiares possam vender diretamente os seus produtos.

Analisando as falas dos agricultores familiares desta comunidade conclui-se que o PRONAF tem relação direta com a produção da agricultura familiar, daquele povo, dessa forma, o programa traz benefícios econômicos às famílias beneficiadas, com isso induz-se a melhoria das condições de vida da população local, além da permanência no mercado em que estão inseridos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jalcione. **Pesquisa Agrícola, Agricultura Familiar e Sustentabilidade**. Embrapa, Passo

Fundo/ RS, 1997.

BRASIL. **Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006. Estabelece as Diretrizes para a Formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais.** Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília. 25 jul. 2006.

D'ANGELIS FILHO, João S. **Políticas locais para o desenvolvimento no Norte de Minas: uma análise das articulações local e supralocal.** Temuco, Chile, 2005.

DIEGUES, A. C. **O mito moderno da natureza intocada.** 3. ed. São Paulo: Hucitec.

ELESBÃO, Ivo. **O Espaço Rural Brasileiro em Transformação.** In: Finisterra, XLII, 84, 2007, p. 47-65.

Emater-MG (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais). Emater-MG faz campanha para melhorar aplicação do crédito rural. 2008.

FONSECA, Ana Ivania Alves. **Agricultura Familiar como Sustentabilidade: Estudo de Caso do Planalto Rural de Montes Claros/MG.** 2012. 181 f. Tese de Doutorado em Geografia. Instituto de Geociências e Ciências Exatas – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro. 2012.

GRAZIANO DA SILVA, J. F. **Estrutura agrária e produção de subsistência na agricultura brasileira.** São Paulo: Hucitec, 1978. <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=313520> acessado em 10 de julho de 2017. <https://amigosdejanuaria.wordpress.com/2012/01/11/agricultura-familiar-de-januaria-um-potencial-nao-aproveitado/> acessado em 06 de junho de 2017.

MENDES, Estevane de Paula Pontes. **Agricultura Familiar e Identidades Sociais no Cerrado: as comunidades rurais no município de Catalão – Goiás – Brasil.** Goiás/Brasil, Campus Catalão. Núcleo de Estudos e Pesquisas Sócio-Ambientais (NEPSA), 2008.

NEVES, Marcos Fava; CASTRO, Luciano Thomé e. (Org.) **Agricultura integrada: inserindo pequenos produtores da maneira sustentável em modernas cadeias produtivas.** São Paulo: Atlas, 2010.

OLIVEIRA, José Gilson Carvalho de. **Análise da Agricultura Familiar e do PRONAF no Norte de Minas Gerais.** 2012. 81 f. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes, Montes Claros. 2012.

SAMPAIO, Ronaldo Maurício. **A Qualificação e a Formação da Identidade dos Agricultores da Região de Januária/MG.** 2013. 232 f. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas. Porto Alegre, 2013

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar.** São Paulo: Edusp, 2005.

SOUZA, Luziana da Silva. **Turismo e Desenvolvimento Local Sustentável na Paraíba,** 2006.

SOBRE O ORGANIZADOR

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira

Graduado em Geografia (Bacharelado e Licenciatura) pela PUC -Campinas, Mestre e Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo. Atualmente é Professor do Departamento de Geociências e do Programa de Pós-Graduação em Geografia -PPGEO na Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), onde coordena o Núcleo de Estudos e Pesquisas Regionais e Agrários (NEPRA-UNIMONTES) e o Subprojeto de Geografia -"Cinema, comunicação e regionalização" no âmbito do PIBID/CAPES. Exerce também a função de Coordenador Didático do Curso de Bacharelado em Geografia-UNIMONTES. Tem experiência na área de Geografia Humana, atuando principalmente nos seguintes temas: Geografia Agrária, Regularização Fundiária, Amazônia, Ensino de Geografia, Educação do Campo e Conflitos Socioambientais e Territoriais. Participação como avaliador no Programa Nacional do Livro e do Material Didático-PNLD de Geografia e no Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES), vinculado ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). É autor e organizador das seguintes obras: No chão e na Educação: o MST e suas reformas (2011), Cenas & cenários geográficos e históricos no processo de ensino e aprendizagem (2013), Práticas de Ensino: Teoria e Prática em Ambientes Formais e Informais (2016), Geografia Agrária no Brasil: disputas, conflitos e alternativas territoriais (2016), Geografia Agrária em debate: das lutas históricas às práticas agroecológicas (2017), Atlas de Conflitos na Amazônia (2017), Serra da Canastra território em disputa: uma análise sobre a regularização fundiária do Parque e a expropriação camponesa (2018) entre outras publicações.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-320-0

